

RUA LÉLIO COLUCCINI

Decreto nº 8887 de 13-08-1986

Formada pela rua 3 do Parque Itajaí

Início na rua Eduardo Carlos Pereira Nogueira

Término na rua 24

Parque Itajaí

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 14.597 de 25-04-1986 em nome de Paulo de Souza Leite.

LÉLIO COLUCCINI

Lélio Coluccini nasceu em Valdecastelo, Itália, em 03-dezembro-1910 e faleceu em Itapira, neste Estado, em 24-julho-1983. Era filho de Alfredo Coluccini e Italia Magri Coluccini. Lélio chegou ao Brasil com um ano de idade, residindo com seus familiares em São Paulo e, posteriormente, em Campinas, onde seu pai fundou a Marmoaria "Irmãos Coluccini". Teve suas primeiras lições de desenho na Loja Maçônica Independência, com a professora Maria Thereza Marcilio. Aos 8 anos de idade, fez seu primeiro trabalho em gesso, que chamou de "Ecce Homo" (Cristo). Entusiasmado com a crítica feita sobre esta obra, seu pai mandou-o de volta para a Itália, a fim de iniciar os estudos na arte. Matriculou-se na Régia Scuola Professionale Stagio Stagi, em Pietrasanta, onde recebeu seu primeiro prêmio, em 1926, com o "Diploma de Honra". Cursou também a Academia de Artes de Carrara, onde se diplomou com louvor, recebendo a medalha de ouro e prêmio "Viagem a Roma". Com a bolsa de estudos, frequentou aulas do prof. Bozzano e Thomazi Leone, na Itália. Em 1929 recebeu o 1º prêmio e medalha de ouro da Academia de Belas Artes de Pietrasanta. Chegando ao Brasil em 1931, Lélio passou a trabalhar com seu pai na oficina de marmoaria. A sua primeira exposição oficial foi realizada na biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes, em comemoração ao 1º centenário do nascimento de Carlos Gomes, em 1936. Posteriormente, expôs em São Paulo e no Rio, no Copacabana Palace Hotel. Foi professor de escultura na Escola Gabrielle S'Annunzio, no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro e também no Centro de Ciências, Letras e Artes, em 1954. Naturalizou-se brasileiro, recebeu o título de cidadão campineiro, em 1961, e no ano seguinte fez grandiosa exposição, com 43 trabalhos, no antigo Teatro Municipal. Em 1964, recebeu o diploma da Ordem dos Cavaleiros Honorários de Campinas, juntamente com o troféu Carlos Gomes. Foi o Grande Medalha de Ouro no Salão Paulista de Belas Artes, em 1974. A Prefeitura de Campinas adquiriu obras suas. São de sua autoria o monumento comemorativo do bi-centenário da cidade, no Largo das Andorinhas, a Fênix, no edifício da Academia Campinense de Letras, o monumento das Andorinhas, a imagem de Santo Antonio no frontespício do Hospital "Albert Sabin", o monumento "A Música", em São Paulo, os bustos de Jolumá Brito e José Villagelin Neto, o trabalho "Leda", da Pinacoteca do Estado, o monumento "A Diana", de São Paulo e outros.


 Câmara Municipal de Campinas

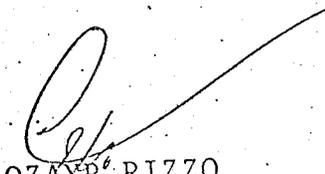
Estado de São Paulo

J U S T I F I C A T I V A

LÉLIO COLUCCINI, que nasceu na Itália, em 1910, veio para o Brasil com apenas um ano de idade, tendo residido por muitos anos em nossa cidade. Conhecido em todo o Brasil e no estrangeiro, LÉLIO COLUCCINI aperfeiçou seus estudos na Itália, onde recebeu o 1º Diploma com 16 anos, tendo feito ainda vários cursos, conquistando 1º Prêmio e Medalha de Ouro.

No Brasil são inúmeras as suas experiências, e em Campinas foi autor de grandes obras, onde se destacam o atual monumento do Largo das Andorinhas; Santo Antônio e a Águia; além de outras sobre personalidades campineiras que esculpiu com dedicação e sentimento. Sua obra faz parte da História de Campinas, que ele tanto amou e viveu a maior parte de sua existência.

Entendemos pois deva ser seu nome perpetuado em uma via pública de nossa cidade.


 OZAIR RIZZO



DECRETO N.º 8887 DE 13 DE AGOSTO DE 1986

DENOMINA "LÉLIO COLUCCINI" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1º. - Fica denominada "RUA LÉLIO COLUCCINI" a Rua 3 do Parque Itajaí, com início na Rua 38 e término na Rua 24 do mesmo loteamento.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 13 de Agosto de 1986.

JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal

ANNIBAL DE LEMOS COUTO
Secretário dos Negócios Jurídicos

JOSÉ LUIZ CAMARGO GUAZZELLI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 14597, de 25 de abril de 1986, em nome de Paulo de Souza Leite e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 13 de Agosto de 1986.

CESARE MANFREDI
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

C.O.A.P.
Coan



Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo



Campinas, 29 de julho de 1983

EXMO. SR.
DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
DD. PREFEITO MUNICIPAL DE
CAMPINAS

PREFEITURA MUNICIPAL
DE CAMPINAS
021720 - 4 AGO 83
PROTOCOLO-GERAL

Nos termos do artigo 2º do Decreto nº 5.690, de 14 de maio de 1969, apresentamos o nome de LÉLIO COLUCCINI, para ser denominada uma via pública de nossa cidade.

Em anexo a devida justificativa.

Atenciosamente,

[Signature]
DR. OZAYR RIZZO
PRESIDENTE

e outros
[Signature]

[Large handwritten signatures and scribbles]
Jose Villos
Salvador
Antonio Garcia
[Signature]
[Signature]
[Signature]
[Signature]
[Signature]

Aos 73 anos, a morte de Lélío Coluccini

De 1926, data que marcou seu aparecimento público através de um prêmio na Itália, até meados da década de 70, quando sua frágil saúde o impediu definitivamente de continuar seu trabalho, Lélío Coluccini produziu metade de um século de esculturas espalhadas por todo País, cuja identificação e documentação, na sua maioria, estão por fazer.

Domingo último, por volta das 13 horas, em uma clínica psiquiátrica de Itapira, o coração do escultor o traiu. Uma parada cardíaca foi fatal, após longos anos de convivência com a doença. Seu corpo foi trazido para Campinas, onde foi enterrado no Cemitério da Saudade, às 10h30 de ontem.

Lélío nasceu em 1910, em Valdicastello (Itália), chegou ao Brasil com um ano de idade, residindo com seus familiares em São Paulo e, posteriormente, em Campinas, onde seu pai fundou a marmoraria "Irmãos Coluccini". Teve suas primeiras lições de desenhos na Loja Maçônica Independente, com a professora Maria Thereza Marçilo. Aos 8 anos de idade, fez seu primeiro trabalho em gesso, que chamou de "Ecce Homo" (Cristo). Entusiasmado com a crítica feita sobre esta obra, seu pai resolveu mandá-lo de volta para a Itália para iniciar os estudos na arte.

Matriculou-se na "Régia Scuola Professionale Stagio Stagi", em Pietrasanta, onde recebeu seu primeiro prêmio, em 1926, com o "Diploma de Honra". Coursou também a Academia de Artes de Carrara, onde se diplomou com louvor, recebendo a

medalha de ouro e prêmio "Viagem a Roma", instituído por aquele país.

Em 1929 recebeu o 1º prêmio e medalha de ouro da Academia de Belas Artes de Pietrasanta. Chegando ao Brasil em 1931, Lélío passou a trabalhar com seu pai na oficina de marmoraria. A sua primeira exposição oficial foi realizada na biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes, em comemoração ao primeiro centenário do nascimento de Carlos Gomes, em 1936.

Posteriormente expôs, em São Paulo, na Galeria do Salão Rudá e depois no Rio de Janeiro, no Copacabana Palace Hotel, em 1950. Foi professor de escultura na escola Gabriele D'Annunzio, dentro do Instituto Cultural Italo-Brasileiro e também no Centro de Ciências, Letras e Artes, em 1954.

Recebeu o título de Cidadão Campineiro em 1961, e no ano seguinte fez uma grandiosa exposição que contava com 43 trabalhos, no Teatro Municipal Carlos Gomes. Em 1964, recebeu o diploma da Ordem dos Cavaleiros Honorários de Campinas, juntamente com o troféu Carlos Gomes.

Em 1974 foram adquiridas obras suas pela Prefeitura de Campinas, sendo uma delas o monumento comemorativo ao Bicentenário da cidade e a Águia, que está erguida sobre a Academia Campinense de Letras. São de sua autoria também o monumento das Andorinhas, instalado em frente ao MAC — Museu de Arte Contemporânea de Campinas — bem como a imagem de Santo Antonio, que se encontra na parede frontal da Clínica Santo Antonio, localizada na Avenida Barão de Itapura.

Na obra, delicadeza e turbulência

"Último dos remanescentes da geração dos assim chamados "escultores de encomenda", onde o metier e o apuro técnico eram o ponto de honra, Coluccini não frequentou as galerias de arte em seus obscuros e quase sempre inatingíveis corredores para a fama. Na árdua tarefa de atender os numerosos pedidos de bustos, túmulos e monumentos, atividade quase sempre castradora, é que, arregaçando as mangas sobre a alva sedução dos carraras, do bronze eterno e das terracotas, Coluccini mostrou as qualidades essenciais, dele homem, sempre integradas em sua obra: a delicadeza e a turbulência, disse o artista plástico J. R. Hofling, quando da última exposição de esculturas de Colucci-

ni, em 1981, na Galeria do Centro de Convivência Cultural.

Para o artista plástico Mário Bueno, Lélío, além de um escultor de grande reconhecimento artístico, "era uma pessoa boníssima, amigo de todos, e muito humano". A morte de Coluccini, segundo Mário, representa uma perda lamentável, embora há vários anos estivesse afastado de suas atividades, porque foi o artista que mais deixou sua marca nas praças da cidade.

"Além dos trabalhos que realizou, diz Mário, Coluccini contribuiu muito para a cultura e arte de Campinas, com as experimentações que realizou. Por isso merece tributo de reconhecimento e não poderá jamais ser esquecido".

Falecido em Itapira (SP) em 24-julho-1983

(Extraído do jornal "Diário do Povo" de Campinas, de 26-07-1983)



Homenagem a Lélio Coluccini

Arita Damasceno Pettenã

Pior que a morte dizem ser o esquecimento. Elogiável, pois, o gesto da Associação dos Advogados de Campinas, com o patrocínio do Banco Itaú, trazendo para este 2º Salão de Belas Artes dos Advogados, a homenagem carinhosa, através de suas obras, ao escultor Lélio Coluccini.

Afirmam-nos Sartre que "a obra de arte é uma Paixão, no sentido cristão da palavra, isto é, uma liberdade que se põe, resolutamente, em estado de passividade para obter, por este sacrifício, um certo efeito transcendente".

E esta busca da beleza, este sofrer inconsciente, pelas estações da criação, sempre à procura do belo, mesmo no grotesco, é que tornam a arte eterna, porque na sua intemporalidade, ela há de conservar para sempre o sal indefinível do mistério.

Os trabalhos de Lélio, espalhados na sua Itália, onde recebeu o primeiro prêmio de sua vida, em muitos Estados deste Brasil imenso e, sobretudo, na terra campineira da qual se tornou um de seus mais orgulhosos filhos, revelam muito da sua habilidade e da sua perícia criadora. Tem sido ainda objeto dos mais reconhecidos depoimentos por parte de todos aqueles em que a sensibilidade navega dentro d'alma como se dentro de um manso rio, tumultuado às vezes pelas correntes bravias da injustiça e da ingratidão. Afinal, numa cidade onde Lélio, a cada passo, está presente, ora em significativos monumentos - ao Soldado Constitucionalista, às Andorinhas, ao Imigrante, ao Bicentenário de Campinas -, ora em imagens, hermas e bustos de figuras importantes, seu talento jamais poderia permanecer adormecido dentro daqueles que consideram

válida, muito válida, a definição de que "a arte é uma válvula de escape ou de segurança dos psiquicamente desajustados".

O autor de "Ecce Homo", aos oito anos, e de "Homem Enforcado", "obra dramática, tensa e densa", no julgamento de Olney Kruse, por ser "o retrato da angústia existencial do homem que não consegue suportar, até o fim, o duro e difícil ato de viver", deixa, também, transparecer, em suas esculturas, no dizer do artista plástico, J. R. Hefling, "as qualidades dele homem, sempre integradas em sua obra: a delicadeza e a turbulência."

Para o artista da pintura, José Wutke, "Lélio, além de levar Campinas como centro artístico cultural, despertou vocações e estimulou novos valores com seu estilo próprio, arrojado, arejado, moderno e rigorosamente exato."

Para o artista plástico, Mário Bueno, "a morte de Coluccini representa uma perda lamentável porque foi o artista que mais deixou sua marca nas praças da cidade."

Para nós, poetas, suas figuras expressivas são uma lição de vida e de humildade aos prepotentes e ao insensíveis cuja dureza seria digna das próprias lágrimas das estátuas se elas pudessem chorar... E que nos sentimos todos, em muitos momentos, como artifices da palavra e da forma, a própria abstração: Um todo sem parte/ de um quadro sem forma./ Pergunta sem resposta/ nas páginas de um livro./ Música dissonante/ no concerto da existência./ Vazio cheio de presença/ no caminho do amor./ Imagem vaga, quase apagada/ no concreto do mundo.

("Correio Popular" de 11-dezembro-1983)

Em painel, os trabalhos de Lélío Coluccini

Por causa da morte do artista plástico Lélío Coluccini, domingo passado, a coordenadora das exposições das galerias de arte do Centro de Convivência, Vera Smaniuc, pretende, após entendimentos com a Secretaria de Cultura, mostrar um painel no saguão de entrada do Teatro Interno. Esse painel é um apanhado de obras, esculturas de cemitérios, fotografadas por Roberto Hoffling.

Este painel esteve em 81 no Centro de Convivência quando foram reunidas várias obras de colecionadores dos trabalhos de Lélío Coluccini. Ele teve uma vasta produção desde 1926 até 1970. E, na opinião do artista plástico Mário Bueno, a importância de Lélío não se restringe apenas às esculturas e monumentos em cemitérios. "Ele dedicou seu tempo à pesquisa da arte", lembrou Mário.

Para Geraldo Jurgensen, Coluccini foi o grande escultor neoclássico do nosso tempo. Seus prêmios confirmam sua criatividade. E em pontos estratégicos da cidade encontramos esculturas feitas por um coração aberto e fraterno, como a da escultura que está atualmente no Largo das Andorinhas. "Uma técnica bastante delicada e baseada numa sincera dominação dos elementos figurativos" registrou Thomaz Perina.

Esculpiu com amor

Faleceu em Itapira, tendo sido sepultado em Campinas, o escultor

Lélío Coluccini, que por muitos anos residiu nesta cidade. Conhecido em todo o País e no estrangeiro, Lélío nasceu na Itália, em 1910, tendo vindo para o Brasil com apenas um ano de idade.

Residiu algum tempo em São Paulo, de onde sua família se transferiu para Campinas e aqui seu pai fundou a marmoraria "Irmãos Coluccini".

Mais tarde, a fim de aperfeiçoar seus estudos, o artista volta à Itália e matricula-se na "Regia Scuola Professionale "Stagio Stagi", em Pietrasanta, onde recebeu seu primeiro diploma de honra, em 1926, com apenas 16 anos. Realizou ainda curso intensivo de escultura na Academia de Artes de Carrara, quando recebeu a medalha de ouro e prêmio "Viagem a Roma".

Em 1929, a Academia de Artes de Pietrasanta lhe confere a medalha (1º prêmio) de ouro pelo reconhecimento de seu talento. São numerosas as suas exposições no Brasil. Além de lecionar a arte da escultura, Lélío Coluccini produzia trabalhos que hoje são unanimemente elogiados por nossa crítica especializada. Em Campinas, entre outros trabalhos, deixa o monumento Andorinhas, Santo Antonio e a Águia, além de outras obras sobre personalidades campineiras que ele esculpiu com amor e sentimento. Coluccini faleceu aos 73 anos e sua obra se anexa à história de Campinas que ele tanto amou e viveu quase toda a sua existência.

MORREU LÉLIO COLUCCINI

Júlio Mariano

A leitura da coluna de necrológio do "Correio" de ontem, pela manhã, me entristeceu para o resto do dia. De mistura com a tristeza, a saudade de tempos outros, distantes, que não mais voltam porque foram definitivamente sepultados com os anos. Quantos anos? Trinta, quarenta ou cinquenta anos? A memória não me diz quantos anos mas recorda de imagens e fatos por mim testemunhados.

Era ali na mansarda da Rua Conceição, pouco além da Rua Barão de Jaguará, que se reuniam e viviam como irmãos três moços, os três artistas — Cardarelli, Coluccini e Caruso —, o primeiro pintor, o segundo escultor e o terceiro pintor.

Grandes artistas todos os três, conquistaram prêmios em exposições em São Paulo e no Rio de Janeiro, que deram fama a Campinas lá fóra. Eram realmente soberbas suas produções.

Um dia, porém, ainda moço desapareceu o Caruso. Mas prosseguiram Cardarelli e Coluccini. Um com a beleza de seus quadros e outro com a maravilha de suas estatuetas.

Com o rolar do tempo, no entanto, estranha enfermidade acometeu Lelio Coluccini. Durante meses, anos, não mais foi visto e o seu próprio nome tornou-se esquecido, a ponto que sua morte não mereceu mais que um simples registro no necrológio da imprensa diária.

Não importa. Mas eu, amigo dos três da mansarda da Rua Conceição, aqui repito: — Foi grande Lelio Coluccini, como grande foi o Caruso e grande ainda o é, com o favor de Deus, o pintor Aldo Cardarelli!